

Marcas de oleiro em terra *sigillata* exumadas no actual concelho de Fronteira. Um indicador fiável de trocas comerciais?

Eurico de Sepúlveda* & André Carneiro**

NO âmbito do projecto de estudo do “Povoamento Romano no Actual Concelho de Fronteira” da autoria de um dos signatários (A.C.), o qual deu lugar à tese de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa no ano de 2002, é referido pelo autor, ao tecer considerações sobre as dificuldades que teve para a persecução do seu objectivo que “Na ausência de moedas ou epígrafes em qualquer dos sítios observados, considerou-se a cerâmica de importação – nomeadamente a terra sigillata – como um elemento relativamente fiável para poder atribuir a ocupação de um sítio à época romana.”¹

Daqui partimos para o tema que propomos apresentar pois que para além da vertente relacionada com a identificação de arqueossítios romanos, esta cerâmica fina de mesa permite-nos também aferir das trocas comerciais deste território que hoje em dia constitui o concelho de Fronteira e que na altura fazia parte integrante da província romana da Lusitânia.

Foram utilizados como instrumentos para a sua análise quer a prospecção arqueológica, quer as próprias escavações aproveitando, neste último caso, dois Projectos de Investigação Plurianuais (PNTA) apresentados por um de nós (A. C.) no ano de 2000 ao instituto da tutela, o Instituto Português de Arqueologia: “Projecto de Investigação Monte de São Pedro” (escavações plurianuais em sítio romano) e o “Levantamento Arqueológicos do concelho de Fronteira” (prospecções com pontuais recolhas de superfície de materiais).

O resultado das várias escavações levadas a curso e das múltiplas prospecções efectuadas até aos finais do ano de 2004 permitiu-nos obter assim um espólio que se traduz num total de 18 marcas em terra *sigillata*, todas aplicadas no interior de pratos e taças, das quais 5 foram exumadas no Monte de São Pedro (SPD) e na Igreja do Monte de São Pedro (ISP), em escavação, enquanto que as restantes 13 foram recolhidas em prospecções efectuadas na Horta da Torre (HDT) e no Monte de São Francisco (MSF).

A – Marcas encontradas em intervenção arqueológica

A primeira estação, com ocupação romana, que apresentamos é a do sítio² do Monte de São Pedro (SPD) que ofereceu um vasto espólio de material cerâmico, para além de muitos outros testemunhos da vida quotidiana dos seus habitantes durante um período cronológico que nos será lícito, até ao momento, balizar entre a primeira metade do séc. I d.C. e a Antiguidade tardia.

* Economista/ Arqueólogo Associação Cultural de Cascais

** Arqueólogo da Câmara Municipal de Fronteira

¹ Carneiro, 2004, p. 45.

² Sobre a problemática de categorização do sítio arqueológico, ver comunicação de André Carneiro neste volume.

Durante estes últimos anos foram as cerâmicas finas de mesa as que nos ocuparam num estudo, que adjectivamos de baixa incidência do ponto de vista quantitativo/ qualitativo, motivado a limitações a que tivemos de fazer frente (entenda-se número reduzido de indivíduos), mas que procurámos ser o mais apurado possível tentando, através destas cerâmicas determinar mercados de aquisição/encomenda dos habitantes do Monte de São Pedro, ou seja, de uma forma genérica definir os seus centros abastecedores.

Dentro do conjunto destas cerâmicas foi sem dúvida a terra *sigillata* aquela que quase exclusivamente nos ocupou, durante e após as várias campanhas, com vista a alcançar aqueles objectivos.

Optámos então por utilizar como metodologia o enquadramento das marcas pelas unidades estratigráficas nas quais tinham sido encontradas, dando a conhecer, ao mesmo tempo, a identidade arqueológica de cada UE e também os restantes materiais que lhe estavam associadas³.

Atendendo ao facto de se terem encontrado três marcas em anos díspares, neste arqueossítio, começaremos por analisar, para as escavações efectuadas no ano de 2002, a UE49 na qual foi exumada uma das marcas com o n.º de inventário UE49 [5].

Trata-se de uma unidade estratigráfica que se identificou como sendo uma camada junto a uma canalização e disposta para ocidente de um muro de pedra de médio calibre que delimita um compartimento de função indeterminada.

Para além da marca em terra *sigillata* hispânica apareceram outros materiais arqueológicos entre os quais destacamos vinte fragmentos de fabricos em *terra sigillata*, todos de proveniência hispânica, embora de pequenas dimensões.

Ano	N.º de Inv	U.E.	Nome do Oleiro	Origem	Tipo de marca	Observações
2002	UE49 [5]	49	<i>OCTAVIVS</i>	Hispânica	Ind.	...T•AVI(O)
2004	UE92 [2]	92	<i>MALLIVS MATERNVS T()</i> ou <i>MANLIVS MATERNVS T()</i>	Hispânica	Rectangular	MA[N]LL•M
2004	UE94 [1]	94	Ilegível	Hispânica	Rectangular	... TVR

Quadro 1 – Relação dos fragmentos com marcas de oleiros hispânicos encontrados nas UEs 49, 92 e 94 na escavação levada a cabo em 2002 e 2004 no Monte de São Pedro (SPD)

Já no ano de 2004 foram encontradas, em duas UEs diferentes, na 92 e na 94 duas marcas de produção hispânica com os números de inventário, UE92 [2] e UE94 [1].

Estas duas unidades estratigráficas foram interpretadas da forma que a seguir descrevemos:

A UE92 foi então definida como uma unidade de abandono “sem estruturação específica”, em espaços aberto, tendo a sua escavação permitido a recolha de um numeroso espólio, incluindo um fragmento de terra sigillata clara africana Hayes 61b, oferecendo-nos uma datação muito tardia para esta área. A UE94 revelou-se como a “continuação de um pavimento de gravilha (UE72), delimitada, é certo, por um conjunto de muretes”, ou seja, uma área também em espaço aberto e de circulação funcional. Aqui, até pela substância do pavimento, a cultura material foi muito escassa.

Por sua vez durante a campanha de escavação efectuada no ano de 2003 no sítio arqueológico da Igreja do Monte de São Pedro na zona exterior da igreja, foi definida a UE11, uma área de chão/piso em terra batida de compartimento ainda não definido mas com uma relevante cultura material.

³ A mesma metodologia foi utilizada para a estação arqueológica da Igreja do Monte de São Pedro (ISP). Todas as informações foram obtidas a partir dos Relatórios de Progresso de Trabalhos Arqueológicos apresentados ao Instituto Português de Arqueologia.

Ano	N.º de Inv	U.E	Nome do Oleiro	Origem	Tipo de marca	Observações
2003	UE11 [2]	11	Ind.	Hispanica	Rectangular	Vestígios
2003	UE11 [16]	11	LAPILLIVS	Hispanica	Rectangular bífida	Fornos de El Quemao

Quadro 2 – Relação dos fragmentos com marcas de oleiros hispânicos encontrados na UE11 na escavação levada a cabo em 2003 na Igreja do Monte de São Pedro (ISP)

Todas as marcas encontradas nestes dois sítios, foram originadas nas olarias de terra *sigillata* hispânica localizadas na região do Ebro – Tricio (La Rioja).

Correspondem aos oleiros *LAPILLIVS*, *MALLIVS MATERNVS T()* ou *MANLIVS MATERNVS T()* e *OCTAVIVS*, os quais serão estudados mais adiante quando nos debruçarmos sobre a análise feita ao conjunto dos oleiros que laboraram na península Ibérica e que deixaram peças de cerâmica marcadas neste concelho.

B – Marcas obtidas em prospecção

Durante as prospecções que foram levadas a cabo no período que medeia entre os anos de 2000 a 2004 nas diversas estações romanas do concelho de Fronteira apenas dois sítios, o da Horta da Torre e o do Monte de São Francisco, ofereceram a possibilidade de depararmos entre os espólios recolhidos com um conjunto de marcas de oleiro em terra *sigillata*.

Este conjunto é constituído por 13 unidades distribuídas por várias origens de fabrico, o que torna o panorama das importações bastante diferente daquele que analisámos quando se tratou das marcas obtidas na escavação arqueológica.

Tendo presente que os centros oleiros e os fornos destinados à produção destas cerâmicas finas se encontravam espalhados pelas províncias romanas, da Hispânia (Tarraconense, região oleira do Ebro – La Rioja –, e na sua congénere bética localizada, principalmente, em redor de Los Vilares – Andújar), da Gália especialmente com grande destaque para o sul desta província de onde provinha a maior parte das importações ibéricas (grande complexo oleiro de La Graufesenque) e por fim da própria península itálica (Arezzo, Pisa, Pozzuoli entre outros) construímos os quadros 3 e 4 que nos apresentam as várias marcas distribuídas por essas mesmas produções, optando por isso analisá-las seguindo um critério em que os factores cronológicos e geográficos foram determinantes.

Atendendo a estes factores iniciaremos esta análise pelo sítio arqueológico da Horta da Torre (HDT) de onde provêm nove fragmentos com marcas, cujos vasos que as continham foram elaborados em olarias situadas na Itália e na Península Ibérica (quadro 3).

Ano	N.º de Inv	U.E.	Nome do oleiro	Origem	Tipo de Marca	Observações
2002	RS/1[346]	1	Ind.	Hispanica	Rectangular	...RI
2002	RS/1[347]	1	Ind.	Hispanica	Rectangular	...R
2002	RS/1[349]	1	ASLATICVS	Hispanica	Rectangular	A S T...
2003	RS/1[144]	1	C. SERTORIVS PROCVLVS	Itálica	Rectangular em 2 linhas	Punção C.SERTO PROCL
2003	RS/1[155]	1	CN ATEIVS EVHODVS	Itálica	Circular	Punção CN ATEI EV..DI
2003	RS/1[162]	1	FIRMVS	Hispanica	Rectangular	Leitura possível FIR•OFIC
2003	RS/1[182]	1	Ind.	Hispanica	Rectangular/ bífida	Muito erodido
2003	RS/1[198]	1	Ind.	Hispanica	Rectangular	Vestígios
2003	RS/1[238]	1	Ind.	Hispanica	Rectangular	...R(?)

Quadro 3 – Relação dos fragmentos com marcas de oleiros itálicos e hispânicos encontrados à superfície em sondagens levadas a cabo em 2002 e 2003 na Horta da Torre (HDT).

A proporção dos achados é bastante desigual resultante a favor da produção ibérica que apresenta uma percentagem na ordem dos 77,8% contra 22,2% da itálica.

Não nos foi possível detectar no espólio recolhido qualquer marca de origem da gaulesa, mas este facto deve ser lido nas contingências derivadas da natureza dos trabalhos (recolhas de superfície), pois em Horta da Torre estes fabricos estão presentes.

O segundo arqueossítio que estudámos foi o da *villa* romana do Monte de São Francisco (MSF) onde o panorama é ligeiramente diferente, pois o total das marcas, 4, encontra-se igualmente distribuído, ou seja duas de origem hispânica e duas provenientes da Gália do Sul.

Verifica-se a ausência de marcas de produções de *sigillata* de tipo itálico que terá, certamente, um valor de indicador cronológico de ocupação mais tardia se partirmos do princípio que se aquelas existissem poderiam ter diacronias idênticas às das marcas itálicas que iremos de seguida analisar para a Horta da Torre.

Ressalvamos também o facto da não existência de marcas hispânicas precoces⁴ as quais poderiam, neste caso, indicar-nos uma ocupação de cronologia mais alta.

Ano	N.º de Inventário	U.E.	Nome do Oleiro	Origem	Tipo de Marca	Observações
2000	RS/1[31]	1	<i>PIL...M...</i> ou <i>RE...</i>	Hispânica	Rectangular	OP...
2000	RS/1[32]	1	<i>CASTUS</i>	Sul da Gália	Rectangular	.FCASTI
2001	RS/1[139]	1	Ind.	Hispânica	Rectangular/ bífida	Vestígios
2001	RS/1[350]	1	Ind.	Gália		Vestígios

Quadro 4 – Relação dos fragmentos com marcas de oleiros da Gália e hispânicos encontrados à superfície em sondagens levadas a cabo em 2000 e 2001 no Monte de São Francisco (MSF).

C. Estudo das marcas

C.1 – Marcas de oleiros itálicos

Da *villa* romana da Horta da Torre provêm, então, dois fragmentos com marcas, n.ºs de inventário RS/1 [144] e RS/1 [155], as quais são de origem itálica e apresentam punções oriundas das olarias de *C. SERTORIVS PROCULVS* e *CN ATEIVS EVHODVS*.

Estas duas marcas merecem um estudo no que diz respeito, às suas características formais, e posteriormente, um conjunto de reflexões as quais são motivadas pelas peculiaridades que lhes estão inerentes.

A primeira marca, colocada no fragmento RS/1 [144] refere-se como dissemos a uma punção de *C. Sertorius Proculus* que foi um oleiro com oficina em Arezzo e que desenvolveu a sua actividade entre os anos de 15 a.C. e 5 d.C.⁵

Esta sua marca encontra-se inserida numa cartela rectangular – tipo CVA 261 – com os vértices arredondados na qual se lê, em duas linhas separadas por outra, as seguintes siglas correspondentes ao nome do oleiro:

Na primeira existe um C que é seguido de ponto, centrado, e com a abreviatura *SERTO* em que o O, como o transcrevemos, é de tamanho mais pequeno que as restantes letras, e parece como que “protegido” pelo travessão do T.

Por sua vez na segunda linha encontra-se, também de forma abreviada, o *cognomen* deste oleiro ou seja PROCL.

⁴Veja-se Serrano Ramos (1999) e Amores, Keay (1999) a propósito das cronologias e formas apontadas para a *sigillata* do Tipo Peñaflores.

⁵CVA n.º 1913.

Não temos dúvidas quanto à terminação da abreviatura que torna esta marca possivelmente inédita em relação às variantes apresentadas e conhecidas no CVA (11 no total) embora o punção com o número 1913.8, encontrado em Cosa, possa ser o que mais se aproxima⁶ do da Horta da Torre.

Este fragmento é o único da colecção que apresenta um grafito efectuado pós cozedura, colocado na parede externa do fundo, composto por duas letras, sendo uma delas do tipo Λ com um traço (?) por baixo e um A, conjunto para o qual não arriscamos qualquer tipo de leitura.

A actividade deste oleiro arretino é muito pouco conhecida em todo o mundo romano (19 achados apenas)⁷ o que para toda a *HISPANIA* se traduz, apenas, em duas marcas exumadas na província da Tarraconense: uma em Saguntum e outra em Tarragona.

É pois de difícil explicação ter-se encontrado este punção na *villa* romana da Horta da Torre, na medida em que até ao presente para a Lusitânia e para a Bética este oleiro não era conhecido.

Que razões envolventes do comércio romano provincial dos finais século I a.C./ início da Era teriam possibilitado para que tivesse chegado pelo menos uma cerâmica fina de mesa a esta *villa* do interior da Lusitânia, de um oleiro que se encontra ausente dos espólios estudados para a própria Capital da província – Mérida (Jerez Linde, 2005)?

Será que este oleiro ao ter tido preferências na exportação da sua produção de terra *sigillata* desde Arezzo até ao norte de África (províncias romanas da Mauritânia quer, da *Tingitana* quer, da *Caesariensis*⁸ onde se encontraram dois exemplares da produção de Próculos) tivesse aproveitado, num período específico, um carregamento de cerâmica que sabia poder possibilitar esta aquisição?

Funcionariam os portos, dessa região do Império, como redistribuidores para a Bética e daí para a Lusitânia?

Ou será apenas obra do acaso?

Um facto que não podemos ultrapassar é o de que a bibliografia por nós consultada autoriza-nos a poder afirmar ser ela a primeira e única marca, deste oleiro arretino, encontrada na província da *LUSITANIA*, até ao momento.

Consideramos ser pois, no estudo da colecção de marcas de oleiros, que apresentamos um dos casos, para nós, paradigmático.

No que diz respeito à segunda marca esta encontra-se impressa num fragmento, possivelmente de taça, e diz respeito ao oleiro *CN ATEIUS EVHODUS*⁹ que tem uma produção vasta de vasos decorados¹⁰ e lisos.

A sua olaria localizava-se na área de Pisa conhecendo-se, paralelamente, uma fase em que assina os seus vasos, apenas com o *cognomen* *EVHODVS*¹¹ o que vai dar lugar a duas datações diferentes em relação ao *terminus* da sua produção.

No primeiro caso estará activo, entre 5 a.C. e 25 d. C., enquanto que, para o segundo, a produção, embora possua o mesmo início, prolonga-se para além dos anos 25 atingindo os 40.

A marca encontra-se inserida numa cartela circular em que as letras se desenvolvem no sentido dos ponteiros do relógio e é assimilável ao tipo CVA 532, na qual podemos ler as siglas referentes ao nome do oleiro e que são as seguintes:

Ao centro reconhece-se um C e a perna de um N que nos possibilita a reconstrução da abreviatura CN.

⁶ Enquanto no nosso punção o espaço superior está separado do inferior por uma linha, o apontado por Kenrick (1996, inédito) tem uma palma como elemento divisor. Outras duas diferenças assentam na inexistência do ponto a separar o C de SERTO e da última letra da segunda linha ser no nosso caso um L e no de Ostia um V.

⁷ Ver Mapa 1.

⁸ Guery. 1994, p. 121 marca 618 refere-se a este oleiro ressaltando o facto de entretanto a marca ter desaparecido do museu de Cherchel.

⁹ CVA oleiro n.º 292.

¹⁰ Nestes casos os seus punções com a marca são aplicados exteriormente.

¹¹ CVA oleiros n.º 786 e 787.

Por sua vez da esquerda para a direita e junto ao limite do círculo distingue-se perfeitamente, em nexa as letras A[^]T[^]E seguidas de um I. A separação efectuada entre Ateios e o *cognomen* é obtida através de um ponto que se encontra elevado. Conseguimos ler, seguidamente, sem qualquer dúvida, um E seguido de um V.

A partir desta letra a marca encontra-se partida recomeçando mais adiante com a parte final de um D, e um I, completo. Por fim, pensamos ser possível observar a existência de mais um ponto que terminaria a marca. Este encontra-se também elevado, o que é normal em outros exemplos idênticos efectuados, possivelmente, com o mesmo punção que parece ter sido o mais utilizado por este oleiro¹².

Assim este tipo de punção circular – paralelo perfeito para o encontrado na Horta da Torre – é sobejamente conhecido nas províncias romanas das Gálias, das Germanias, da Britania enquanto que para a Península Ibérica apenas foi identificado, de acordo com a lista de difusão do CVA, na Tarraconense (Tarragona) e na Bética (*Corduba* e *Sevilha*).

Curiosamente *CNATEI*, os seus libertos e escravos constituem um dos conjuntos de oleiros itálicos, que devido ao número de marcas encontradas são dos mais bem estudados em Portugal¹³.

Devemos, no entanto, realçar o facto de não termos encontrado paralelo para este punção na Lusitania na medida em que o fragmento apresentado por Jerez Linde (2005)¹⁴ para Mérida, esteja associada a uma marca do tipo trifólio (trevo de três folhas).

Apenas como mera informação indicaremos alguns sítios arqueológicos, estudados recentemente, que possuem, a partir dos seus espólios, novas referências que podem ajudar a uma melhor compreensão da difusão deste oleiro em território actualmente português:

- Braga, Quinta do Fajal (Morais, 2005) com a marca *EVHODVS*
- Lisboa, Praça da Figueira (Silva, R. s/d) com marcas de *ATEI*, *PRIMVS*, *EROS* e *XANTHVS*.
- Lisboa, Teatro Romano (Sepúlveda, Fernandes, a publicar) com as marcas de *EVHODVS* e *XANTHVS*.

C.2 – Marcas de oleiros do sul da Gália

Na *villa* romana do Monte de São Francisco foram encontradas duas marcas de origem galo romana, (complexo oleiro de La Graufesenque) com os números de inventário RS/1[32] e RS/1[350] respectivamente.

Ambas estão inseridas em cartelas de tipo rectangular em que os vértices são arredondados. Estas marcas irão ter tratamento diferenciado pois que, em relação a uma delas, não nos foi possível identificar o oleiro que a teria marcado, devido à exiguidade do fragmento no sítio a onde o punção foi aplicado, referimo-nos ao fragmento com o n.º RS/1[350].

Quanto à segunda foi-nos de fácil identificação. Pertence ao oleiro sud-gálico *CASTVS* (marca que se encontra partida no início embora na parte restante esteja em excelente estado de leitura) que deverá ter exercido a sua actividade oleira, no sul da Gália¹⁵, durante o período de Cláudio a finais do principado de Nero inícios dos Flávios (40 a 70/80 d.C.).

Trata-se pois de um punção do tipo que acima indicámos e que foi aplicado na parte interna do fundo de um vaso onde se encontram apenas as seguintes letras: F, incompleto pois falta-lhe a parte inferior do traço vertical, C, A, S, T e I o que nos permite a leitura reconstituída de *[O]F CASTI*. As dimensões das letras são de espessura bastante reduzida, não mais de 0,5mm, enquanto que a largura é de aproximadamente 3mm e o comprimento, incompleto, de cerca de 9mm.

Este punção faz parte de um conjunto de três grafias que foram encontradas na referida fossa de Galicanos as quais passaremos a analisar.

¹² CVA, oleiro 292, punção 26.

¹³ Ahamos que só haverá paralelo com a oficina de P. Cornélio (escravos e libertos incluídos).

¹⁴ Linde, *ops. cit.*, p. 126, fig. 20, n.º 20.

¹⁵ Em, La Graufesenque encontra-se referenciado na “Fossa de *Gallicanus*”, (Genin, 2007, p. 190, Pl. 167).

Para tal elaborámos o quadro 5¹⁶, pois as percentagens, em relação às 34 marcas ali exumadas apresentam valores deveras interessantes para uma simples comparação mas que por vezes se torna não fiável se não for complementada por outra/s.

Grafia	Número de vasos	%	Obs.
1- ASTVS	19	55,9	C Inexistente
2- OFCASTI	4	11,7	–
3- F: C.A.S	11	32,4	T e I Inexistentes
Totais	34	100,0	–

Quadro 5 – Relação entre as grafias de *CASTVS* e número de vasos, com marca na fossa de *GALLICANVS*.

A primeira ilação a tirar, quando analisamos o quadro, é ser esta grafia, aquela em que se verifica a menor percentagem das três – 11,7%.

Este facto levar-nos-ia a supor ter Casto usado os outros dois punções (com maior percentagem) em detrimento deste que estudámos.

No entanto tal conclusão seria deveras enganadora visto termos partido do pressuposto de serem estas três grafias, únicas na sua produção. Para obstar a um juízo deste tipo achámos ser necessário fazer uma análise, de teor idêntico à da fossa de Galicanos, com pelo menos mais um outro arqueossítio.

Considerámos como sendo um excelente exemplo o caso das marcas de Casto encontradas em Vechten (Polak, 2000).

Polak apresenta-nos uma lista de entradas com um total de 12, a partir da qual apurámos estarem presentes nada mais do que 10 grafias diferentes (!!!).

CASTVS está envolvido numa produção tipificada por taças, da qual tomam particular relevo as – Drag. 24/25, 27, 33, Ritt. 8, e 9 – e por pratos – Drag. 15/17 e 18 – produção esta, que é bem significativa no computo geral do estudo efectuado, ultimamente, sobre o complexo oleiro de La Graufesenque e em especial no da “fossa de Galicanos”.

Embora não possamos afirmar de uma forma taxativa em qual vaso estaria apenas, incerteza esta motivada pela limitação imposta pelo tamanho reduzido e da inexistência de forma definida do fragmento, pensamos ser possível, no entanto, classificá-lo como taça baseando-nos em critérios estilísticos e de tamanho característicos deste punção – *OFCASTI*¹⁷.

Será pois pertinente assegurar ter ele – tendo em conta as dimensões e grafia – como paralelo indiscutível o exemplar proveniente do Claustro do Seminário de Santiago – Braga que Manuela Delgado (1985) e mais tarde Rui Morais (1997/1998 e 2005)¹⁸ estudaram e ao qual atribuíram uma cronologia de Cláudio-Nero.

Um dos exemplares de Alcácer do Sal (n.º 29), o qual se encontra partido no seu comprimento, leva-nos a pensar que seja também oriundo do mesmo punção e com a mesma grafia pois não obstante não sabermos a terminação dele consideramos ser a sua largura, que rondará os 3mm, motivo suficiente para que seja idêntico à do exemplar em estudo¹⁹.

¹⁶ Quadro elaborado a partir de dados apresentados por Genin, *ops. cit.* p. 88 e fig. 84, para as produções lisas.

¹⁷ Pensamos também ser razoável deduzir que a peça poderá ser de tipo bastante pequeno (Drag. 27?) atendendo à sua espessura, o que nos levaria a arriscar uma cronologia fina para ela tendo em conta os materiais da base naval romana de Alteburg, perto de Colónia, em que taças Drag. 27, de tipo miniatura, são importadas, da Gália do Sul, em período flávio/trajânico (Düerkop, Eschbaumer, 2007, p. 409).

¹⁸ Morais, (2005), caracteriza esta marca como sendo uma “Cartela rectangular de ângulos arredondados (11 x 3 mm)” cujas dimensões encaixam perfeitamente no exemplar do Monte de São Francisco.

¹⁹ Faria, 1987, p. 72 e Est. I, n.º 29. A medida da largura da marca foi tirada a partir desta estampa.

Para além destes dois punções que analisámos para Braga e Alcácer do Sal, com a marca deste oleiro, temos conhecimento de mais arqueossítios em território actualmente português, onde foram encontrados mais testemunhos em vasos/fragmentos de Castos.

É o caso entre outros os de:

- Alcácer do Sal (Faria *et alii*, 1987)²⁰
- Balsa (Nolen, 1994 e Viegas, 2006)
- Castro Marim (Faria *et alii*, 1987)²¹
- Monte Molião (Faria *et alii*, 1987)²²
- Praça da Figueira, Lisboa (Silva, s/d)²³
- Represas (Lopes, 1994)

Da lista que apresentamos podemos verificar que este oleiro não se encontra presente nos espólios das escavações de Conimbriga (Alarcão, 1975) e, nas da Alcáçova de Santarém (Viegas, 2003), aspecto que não devemos deixar de referenciar, especialmente no caso da primeira cidade, na medida em que justifica a inserção de Castos no 2.º subgrupo do grupo B da classificação de Castellano Castillo²⁴ (*apud* Quaresma, 2003, pp. 69 e 70).

Com esta sua presença, agora, no Monte de São Francisco e não esquecendo a de Represas (em território de *PAX IULIA* ambos bem afastadas do litoral), achamos continuar a encontrar este oleiro bem inserido na classificação proposta pelo referido autor espanhol, pois neste seu 2.º subgrupo está admitida a hipótese da existência, também, de achados ocasionais em sítios localizados no interior da península.

C.3 – Marcas de oleiros hispânicos

As restantes catorze marcas são de origem hispânica tendo apenas sido identificados 5 oleiros: *ASIATICVS*, *FIRMVS*, *LAPILLIVS*, *MALLIVS MATERNVS T()* ou *MANLIVS MATERNVS T()*, e *OCTAVIVS*.

Todos estes oleiros são originários de várias olarias riojanas situadas ao redor do chamado complexo oleiro de *Tritium Magallum*.

A maioria destes punções/grafias não são desconhecidos, mas tornam-se no entanto importantes, na medida em que fornecem indicações sobre novos pontos da penetração de produtos fabricados por estes oleiros.– Na *villa* romana de São Pedro foi exumado um pequeno fragmento, n.º de inventário UE49 [5], que apresenta, embora de forma incompleta, a marca do oleiro Octávio com olaria em Tricio.

A grafia utilizada para o punção é bastante invulgar no reportório de *OCTAVIVS* pois só conhecemos uma idêntica para Mérida aplicada numa taça do tipo Drag. 27.

Esta grafia apresenta o nome do oleiro dividido em dois grupos de letras separados por um ponto em que no primeiro estão indicadas as letras OCT e no segundo AVIO.

No caso presente a marca está inscrita numa cartela, que supomos ser do tipo rectangular e que se encontra partida logo no início o que implica a falta das duas primeiras letras enquanto que a terceira, o T, pode ser facilmente reconstituído.

Quanto ao segundo grupo, este é bem legível não obstante o fragmento se encontrar também partido no final, o que impossibilita definir o desenho da cartela.

Neste mesmo arqueossítio foi encontrada outra marca, neste caso completa, com o n.º de inventário UE92 [2], e que pensamos poder atribuir ao oleiro com oficina em *Tritium* de nome *MALLIVS MATERNVS T()* ou *MANLIVS MATERNVS T()*.

Encontra-se bastante erodida, no início, enquanto que no fim apenas conseguimos vislumbrar duas possíveis letras (?) que constituem a sua grafia.

²⁰ Com duas marcas.

²¹ *Idem* nota 18.

²² *Idem* nota 20.

²³ Silva, s/d., p. 153, oleiro n.ºs 50 e 51.

²⁴ Classificação baseada em critérios de difusão racionados com arqueossítios situados no interior ou junto ao litoral. Neste nosso caso teremos assim uma difusão fundamentalmente de cariz litoral.

A razão que adiantamos para este facto é a de que no momento da impressão o punção poder estar mal limpo ou a pressão utilizada pelo oleiro ter sido pouco intensa, motivo que a tornou desta forma imperceptível na sua parte final.

A cartela é da forma usualmente utilizada pelos oleiros de Tricio, rectangular com os vértices arredondados, de comprimento igual a 28mm, sendo o seu grafismo à base de letras de espessura reduzida.

A primeira letra é um M, embora pouco nítido. Por sua vez quanto à segunda e terceira (nexo?), achamos ser possível distinguir, apenas, a perna de um A ao qual se segue um espaço indecifrável que precede dois Ls. A próxima área é ligeiramente comprida ao meio da qual se vislumbra a possibilidade da existência de um ponto elevado.

A partir deste espaço a leitura é puramente conjectural motivo porque adiantamos a leitura, sem certezas, de duas letras que poderão ser VS.

O único oleiro que poderá satisfazer esta nossa interpretação será Manlio para o qual existe uma marca quase idêntica, encontrada em Aramenha, e que se encontra depositada no Museu Nacional de Arqueologia²⁵.

Da Igreja de São Pedro provem outra marca completa com o n.º de inventário UE11[16] respeitante ao oleiro de Tricio, Lapilio com olaria em El Quemao que durante bastante tempo foi considerado como tendo a sua olaria em terras lusitanas embora hoje em dia se saiba que *LAPILLIVS* e *VALERIVS PATERNVS* estão seguramente associados às produções do vale do rio Najerilla – Tricio²⁶.

Punção com cartela de lados verticais bífidos em que os Ls apresentam o traço vertical de feitura algo irregular do tipo “esporão de galo” que é característico deste oleiro na presente grafia *LAPILLI*.

Tratando-se de um oleiro extremamente profícuo em achados em todo o território actualmente português seria extremamente monótono apresentar uma lista desses achados o que não obsta a que não deixemos de referenciar dois sítios arqueológicos com marcas deste oleiro.

- Primeiro, *Olisipo* pelo seu ineditismo onde Rodrigo Banha da Silva encontrou uma marca de “pequenas dimensões”²⁷.

- Segundo, Braga pela quantidade dos punções identificados ou possíveis de serem atribuídos a este oleiro os quais atingem, em número, a dezena ou quiçá um máximo de treze unidades encontrados nas escavações levadas acabo nesta cidade²⁸.

- Proveniente da Horta da Torre foi encontrada em prospecção um fragmento de base de taça, n.º de inventário RS/1[162], que pelas suas características nos parece ser do tipo Drag. 27, com uma marca que embora pouco perceptível, devido à falta do “verniz” na parte final não impediu a leitura do nome do oleiro – Firmo.

Esta marca foi efectuada por um punção que continha uma cartela rectangular com os vértices arredondados no interior da qual existe um conjunto de três letras (FIR) separado por um ponto de outro conjunto, no qual se podem reconstituir um O, um possível F, ligeiramente inclinado para a esquerda, um I e por fim um C.

Obtemos então a leitura *FIR·OFIC* que corresponde como afirmámos ao oleiro Firmo Triense²⁹.

A leitura que fizemos torna esta marca única para o território actualmente português, ressaltando sempre a bibliografia utilizada, aproximando-a das grafias de *FIRM·OFI* de Mérida, Banasa, Lixus, Sala e Volubilis, e da *FIRMI OFIC* de Volubilis (marcas descobertas essencialmente em cidades do norte de África na província romana da Mauritânia Tingitania³⁰).

²⁵ Mayet, 1984 oleiro n.º 344.

²⁶ Sáenz Preciado e Sáenz Preciado, 1999, p. 70.

²⁷ Silva, *ops. cit.* N.º 151.

²⁸ Morais, *ops. cit.* pp. 260 e 263.

²⁹ Sáenz Preciado e Sáenz Preciado consideram apenas um oleiro com este nome enquanto que Mayet, 1983/84 e Mezquíriz, 1985 encaram a possibilidade da existência de um oleiro de Tricio, de nome Firmo, que assinava sem o *cognomen*.

³⁰ Boube, 1965, pp. 142-145, fig. 24.

Encontrámos referência às marcas deste oleiro, nas seguintes estações arqueológicas situadas na Lusitania portuguesa: Conímbriga, cerca de quatro de grafias diferentes; na cidade de *Eburobrittium*³¹ com uma marca; e nas Represas (uma, também).

– Outra das marcas provenientes deste arqueossítio tem o n.º de inventário, RS/1[349] e encontra-se partida, possivelmente em metade.

Está inscrita numa cartela rectangular com os vértices ligeiramente arredondados onde se lêem as seguintes três letras respeitantes ao seu início, *AsI*.

Esta marca tem origem num punção que parece ter sido mal aplicado o que provocou alguma dificuldade na grafia apresentada pela letra S que é sem dúvida bastante mais pequena que as outras duas.

Todas elas são de pouca espessura, sendo porém o I, aquela que a apresenta mais fina e que devido há existência de um pequeno traço na parte superior nos deu ao princípio a ideia de se poder tratar do nexu I^AT. Na realidade deve ter sido efectuado por agente estranho à execução da marca.

Associámos esta marca ao oleiro *ASIATICVS* de cronologia de época de Cláudio com uma difusão até agora centralizada na região de Lugo³² e considerado como um dos poucos oleiros hispânicos que mais se aproximaram pelas suas características técnicas de uma produção Sud-Gálica, quiçá um imigrante gaulês

Maria Carreño ao estudar as marcas deste oleiro encontradas em *LUCUS AUGUSTI* coloca a sua oficina em Tricio enquanto que para os investigadores Sáenz Preciado e Sáenz Preciado, Asiático é considerado como dos primeiros na criação de terra *sigillata* “... con una producción temporal muy limitada,... de pequeños talleres, la mayor parte desconocidos, de ubicación incierta ...”³³.

Consideramos ser esta marca de Asiático a única, até ao momento, encontrada em território actualmente português.

A marca exumada durante as prospecções levadas acabo no ano de 2000 no Monte de São Francisco, com o n.º de inventário RS/1[31] encontra-se partida e é do tipo rectangular de vértices redondos e foi impressa numa taça do tipo Drag. 27, da qual possuímos o perfil da base com pé.

É mais uma das marcas que nos levantou dificuldades de leitura devido ao facto de termos apenas as duas primeiras letras que correspondem ao nome do oleiro.

A primeira é um O de feitura algo inclinada para a direita seguindo-se um P que devido há existência de uma pequena “raspadela” no “verniz” nos levantou dúvidas sobre a interpretação correcta da leitura que apresentamos.

A sigla OP corresponde, nas listas de oleiros hispânicos que temos vindo a utilizar, somente a duas marcas as quais se identificam com os oleiros *PIL... M...* (cartela *OPILM*)³⁴ e a *RE* ou *P•RE* (punção *OP•RE*).

Ao primeiro oleiro, embora considerado como tendo laborado na região de Tricio, não lhe é, até ao momento, conhecido o local onde teria tido a sua oficina na medida em que a única marca conhecida é a de Roucca dada a conhecer por Comfort em 1959³⁵.

Quanto a *RE* ou *P•RE* é um oleiro cuja produção está bem confirmada, e sabemos, também que a sua olaria se localizava em Bezares.

Da análise das suas marcas contabilizámos cinco grafias diferentes, a partir das quais achamos poder estabelecer paralelo, para a grafia da marca do Monte de São Francisco, com a de Mérida, *OP•RE*, embora não esquecendo a ressalva que Mayet faz em relação a esta marca pois admite a possibilidade de o “: F fermé comme un P ou bien P (?)”³⁶.

³¹ Moreira, 2002, p. 78, fig.46.

³² Carreño Gascón, 1997, pp. 49-51 e 91 n.º 7 especialmente; Romero Carnicero, 1999, pp. 253-258.

³³ Sáenz Preciado e Sáenz Preciado, *ops. cit.* p. 75.

³⁴ Sáenz Preciado e Sáenz Preciado, *ops. cit.*, p. 119.

³⁵ Este oleiro não faz parte da lista de Mayet.

³⁶ Mayet, *ops. cit.*, p. 168, n.º 534.

– Por seu turno a marca com o n.º de inventário RS/1[346], foi também achada em HDT e está aplicada num prato do tipo Drag. 15/17, ou muito remotamente do tipo Drag 18/31³⁷, encontrando-se inscrita numa cartela de tipo rectangular com os vértices arredondados e que não está completa, permitindo apenas uma leitura parcial, sendo no entanto, perfeitamente legível a sua parte final.

Trata-se de mais um oleiro hispânico da região de *Tritium* cujo nome terminava em RI.

A partir da exclusão lógica da existência de qualquer oleiro de Andújar a quem esta marca pudesse pertencer procurámo-lo utilizando, mais uma vez, como elemento de análise a lista de oleiros de Tricio apresentada por Sáenz Preciado, (1999)³⁸, a qual nos permitiu definir um conjunto de 14 oleiros, que cumpriam aquele requisito.

Com a introdução de factores como o desenho da cartela, a forma do prato, a distância (em círculos concêntricos) entre a Horta da Torre e outros arqueossítios que possuíssem nos seus espólios marcas de oleiros com a mesma terminação, e por fim a frequência de achados na Lusitânia, chegámos à conclusão, sempre discutível, de serem passíveis de identificação com a marca do “nosso” oleiro apenas *CANTABER* e *SVRIVS* os quais cumpriam os pressupostos apontados com marcas encontrados em Torre de Palma, no concelho de Monforte, a escassos quilómetros da Horta da Torre.

As restantes oito marcas, (UE94 [1], RS/1[238], RS/1[347], RS/1[139], RS/1[182], RS/1[198], RS/1[139] e UE11[2]), não permitem qualquer tipo de leitura, motivo porque apenas as indicamos a título meramente informativo, embora resolvêsemos em relação a um pequeno grupo fazer uma análise curta mas mais detalhada.

Em relação à primeira proveniente de escavação efectuada no Monte de São Pedro podemos avançar ser uma marca que está inscrita numa cartela típica de Tricio, partida na qual se destacam três letra de um punção das quais duas foram reconstituídas da forma mais correcta que nos pareceu. Indicamos como leitura, para o que julgamos ser a sua a parte final, TVR e que poderá pertencer ao oleiro *SATVRVS* ou *SATVRNINVS* com olaria em Arenzana de Arriba – La Puebla, *Tritium Magallum*³⁹.

Este oleiro era já conhecido nas estações arqueológicas localizadas na parte da Tarraconense e na Lusitânia, hoje em território português, tais como: Beja (Represas)⁴⁰, Braga (Cavalariças)⁴¹ e Praça da Figueira (Lisboa)⁴².

Quanto às marcas com os n.º de inventário RS/1[238] e RS/1[347], atendendo ao facto de estarem colocadas em fundos/bases de que possuímos o perfil optámos, por bem, mostrar os desenhos das peças e as últimas letras perceptíveis(?) que as constituem.

Assim, no exemplar da Horta da Torre com o n.º de inventário RS/1[347] a cartela é do tipo rectangular, mais uma vez de vértices arredondados e parece ter na parte final uma letra que se assemelha a um R.

A marca está colocada na parte interior de um fundo de uma taça Drag. 27.

Por sua vez a outra marca, RS/1[238], também proveniente do mesmo sítio arqueológico, mostra uma cartela com desenho idêntico à do tipo da anterior mas em que se torna impraticável tentar achar qualquer interpretação da letra final.

A taça em que foi colocada é também do tipo Drag. 27, mas com um diâmetro da base mais pequeno.

Finalmente a marca encontrada no Monte de São Francisco, n.º de inventário RS/1[139] encontra-se partida na sua quase totalidade podendo ser observada apenas a o final/ início. Tra-

³⁷ A raridade deste tipo na produção hispânica é verificada pela quantidade reduzida de achados destes pratos. O perfil do pé e da forma da base é típico das produções riojanas excluindo a hipótese de se tratar de um produto bético.

³⁸ Sáenz Preciado e Sáenz Preciado, *ops. cit.*, pp. 61-136.

³⁹ Mayet, 1984, *ops. cit.*, grafias deste oleiro compreendidas entre o n.º 539 e o n.º 555.

⁴⁰ Lopes, 1994, *ops. cit.*

⁴¹ Morais, 2005, *ops. cit.*

⁴² Silva, s/d, *ops. cit.*

ta-se de uma cartela rectangular do tipo bífida motivo que nos levou a apresentá-la na Estampa 2 referente às marcas com o n.º 14.

Conclusões e Perspectivas

O estudo que fizemos ao longo destes páginas conduz-nos a uma série de resultados que pensamos ser de todo o interesse englobar num grupo de carácter geral, a que resolvemos chamar, de conclusões/perspectivas.

•Um dos primeiros pontos a analisar advém da construção do quadro 6, no qual se relaciona o número de achados pelos sítios arqueológicos.

Sítio arqueológ.	Proveniência			Total	%
	Itália	Gália	Hispania		
SPD	-	-	3	3	16,67
ISP	-	-	2	2	11,11
HDT	2	-	7	9	50,00
MSF	-	2	2	4	22,22
Total	2	2	14	18	100,00
%	11,11	11,11	77,78	100,00	-

Quadro 6 – Relação entre os arqueossítios e origem das marcas em percentagem

São sem dúvida os fragmentos em terra *sigillata* da *villa* romana da Horta da Torre aqueles que apresentam um maior número de marcas quer, de oleiros itálicos quer, hispânicos, atingindo, em número e percentagem metade do valor total de todo o conjunto.

O espólio das marcas em terra *sigillata* de produção do tipo itálico poderá ser, portanto, um indicador que abone a favor da suposição de ter sido a Horta da Torre, uma das primeiras *villae* a serem implantadas no actual concelho de Fronteira.

Esta hipótese só poderá ser confirmada com a intensificação de uma actividade arqueológica que vá privilegiar a procura de elementos que possam, para além das cerâmicas, virem a ser bons indicadores diacrónicos dessa ocupação.

•As marcas obtidas em prospecção são no número de 13 e representam, como dissemos, mais de 72% das marcas encontradas, o que poderá querer significar que as escavações efectuadas ao longo destes anos se têm concentrado em áreas de ocupação mais tardia, altura em que estas deixaram de ser utilizadas como elemento identificador.

•As interrogações que apresentámos em relação a Sertório terão possivelmente resposta aquando de um estudo mais aprofundado dos especialistas deste tipo de problemas, ou seja os que se relacionam com os movimentos comerciais do mundo romano. Daí a necessidade da publicação e difusão de estudos parciais, como o que apresentamos.

•A presença de Asiático terá de ser interpretada com um certo cuidado na medida em que – sendo este oleiro hispânico considerado como um dos “pioneiros” na produção da *terra sigillata* na província romana da Tarraconense, utilizando nos seus processos produtivos técnicas e características sud-gálicas, e com uma difusão até agora centrada principalmente no norte da península ibérica – tornar-se-á de difícil explicação o seu aparecimento na Horta da Torre.

•Da análise que efectuámos às marcas de oleiro de origem hispânica não podemos deixar de salientar a total ausência da presença de oleiros de Andújar, embora tenhamos, nos estudos que efectuámos ao longo destes anos, encontrado fragmentos com características daquele centro oleiro da Bética nas estações do concelho de Fronteira.

É um facto sobejamente conhecido serem, principalmente, as estações arqueológicas da Bética aqueles que apresentam, nos seus espólios, quantidades maioritárias de *sigillata* produzida nas olarias desta província embora tivessem que competir no mercado com uma forte concorrência da *sigillata* de Tricio.

•Esta chegaria desde *Tritium Magallum* seguindo um itinerário terrestre que passaria por *Lacobriga*, *Legio VII Gemina*, *Asturica Augusta* a partir da qual seguiria para sul seguindo o tra-

jecto da Via XVII, a “Via da Prata” com passagem por Mérida que jogava assim um papel preponderante pois, “... teria sido um grande centro redistribuidor de produtos do vale do Ebro ...”⁴³ para a Lusitânia e certamente para o território que estudamos. É exemplo bem típico, o caso de Lapilio e o de Valério Paterno que como já referimos chegaram a ser considerados como tendo as suas oficinas na capital da *LUSITANIA* atendendo à sua difusão esmagadora pelos arqueossítios localizados nesta província romana.

Contudo a procura de outros mercados por parte das olarias de Tricio implicava, igualmente, a utilização de uma outra via tão importante como a que indicámos para o escoamento da sua produção. Assim para os centros de consumo do sudeste (e sul?) da península e do norte de África foi utilizado o transporte fluvial (Ebro e o seu sistema de afluentes, com destaque para o Najerilla) e o marítimo, o qual ao percorrer toda a costa mediterrânica da Hispânia chegava, quiçá a um dos portos mais importante da Bética, também com uma função de centro distribuidor, Gades, evitando assim o transporte por via terrestre mais dispendioso e moroso.

•Um exemplo que nos parece ser de importância para o que acima dissemos foi o de termos comparado os dados obtidos no estudo efectuado por Ana Caldeira em 2004 sobre a Necrópole da Herdade do Reguengo, localizada nos limites entre os actuais concelhos de Fronteira e Monforte, onde esta autora identificou 11 marcas hispânicas com leitura fiável.

Verificámos pois a existência exclusiva de oleiros de Tricio, o que torna o caso dos espólios obtidos em marcas de terra *sigillata* hispânica nas estações arqueológicas intervencionadas ou prospectadas no concelho de Fronteira perfeitamente enquadrados dentro desta lógica de mercado.

•Outro dos pontos a realçar é o que se encontra relacionado com a vertente cronológica dos oleiros hispânicos aqui apresentados na medida em que as dos seus congéneres itálicos e da Gália do sul foram a devido tempo tratadas.

A cronologia que já tínhamos apontado para Asiático parece ser uma diacronia plenamente aceite pelos investigadores espanhóis como Romero Carnicero⁴⁴ (desde os seus estudos pioneiros sobre este oleiro em 1984 e confirmado em artigos com data mais recentes), Juan Tovar⁴⁵ (que apresentou uma marca deste oleiro presente em Arcóbriga) e Carreño Gascón⁴⁶ para Lugo.

No respeitante aos outros oleiros como sejam *FIRMVS*, *LAPILLIVS*, *MALLIVS MATERNVS T()* ou *MANLIVS MATERNVS T()*, *OCTAVIVS* e as marcas que considerámos serem possíveis de as atribuir-mos a *SATVRVS* ou *SATVRNINVS* e *CANTABER* terão cronologias compreendidas entre o intervalo de tempo que medeia entre os Flávios e os primeiros Antoninos, altura em que podemos afirmar ser a diacronia em que se verificou o verdadeiro apogeu da produção da terra *sigillata* hispânica produzida no complexo oleiro de Tricio.

•Outro aspecto que se prende com a composição dos achados, no que diz respeito ao seu suporte, é a da fraca percentagem de formas (pouco mais de 27% aos quais correspondem 5 unidades) passíveis de terem sido classificadas.

Dentro de estas apenas conseguimos encontrar um fragmento de um prato que classificámos como pertencendo a um Drag. 15/17, enquanto que as restantes serão fragmentos de fundos que apresentam porções de base de taças, neste caso, assimiláveis às Drag. 27.

•Por fim não podemos esquecer, a necessária comparação com os registos de materiais verificados em outras *villae*, mas também com os aglomerados urbanos que têm vindo a ser definidos e investigados. Gostaríamos de (e seria de todo o interesse) ter a possibilidade de comparar este espólio com o obtido com outros sítios (inclusivamente na Extremadura espanhola), na medida em que parece existir uma certa semelhança, no que diz respeito à *sigillata* hispânica, quanto aos centros abastecedores destes aglomerados (referimo-nos a oleiros presentes em ambos os arqueossítios).

Estes centros que colocavam os seus produtos finais através da acção preponderante de *negotiatores* que mantinham relações de abastecimento/ consumo, entre aqueles e estes ou seja,

⁴³ Mayet, 1984 *apud* Teresa de Carvalho, 1998, p. 207.

⁴⁴ Romero Carnicero, 1998, 1999.

⁴⁵ Juan Tovar. 1992.

⁴⁶ Carreño Gascón, *ops., cit.*

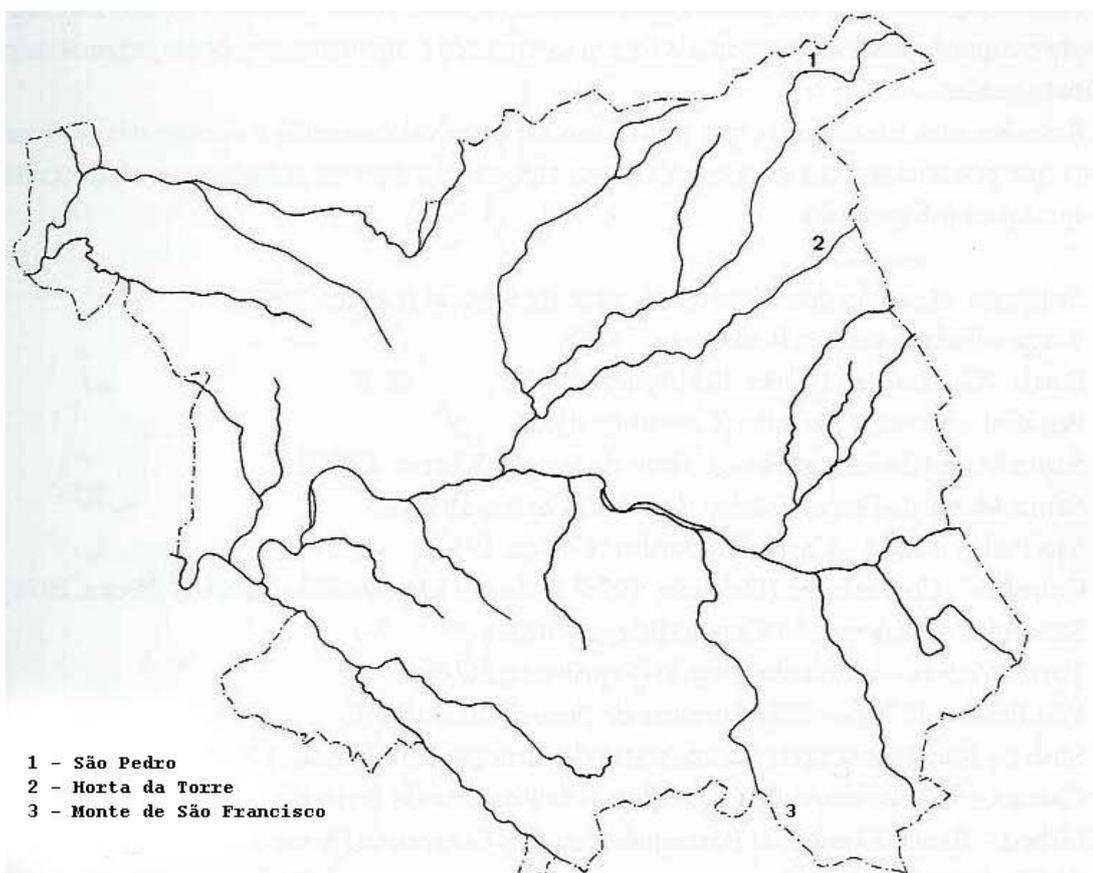
entre lugares afastados geograficamente e situados administrativamente em duas das três províncias em que se encontrava dividida a *HISPANIA* romana⁴⁷.

Bibliografia

- Alarcão, A. (1971) – A terra sigillata Itálica em Portugal. In *Actas II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra, pp. 421-432 e estampas.
- Alarcão, A. (1975) – II Les sigillées sud-galliques. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE R., *Fouilles de Conimbriga*. Paris. IV pp. 69-149.
- Amores, F.; Keay, S. (1999) – Las sigillatas de imitación tipo Peñaflores. Una serie de Hispánicas Precoces. In Roca Roumens, M.; Fernández Carcia, M. – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones alto imperiales*. Málaga, pp. 235-252.
- Boube, J. (1965) – La Terra Sigillata Hispanique en Maurétanie Tingitane – 1 Les marques de potiers. *Etudes et travaux d'archéologie marocaine*. Rabat. Vol. I.
- Caldeira, A. (2004) – *Alguns materiais arqueológicos romanos da Herdade do Reguengo (Vaia Monte, Monforte). Subsídios para a investigação*. Lisboa. Tese de licenciatura em História, variante de Arqueologia apresentada na Universidade Nova de Lisboa. FCSH. (inérita).
- Carneiro, A. (2004) – *Povoamento Romano no actual Concelho de Fronteira*. Lisboa: Colibri/ Câmara Municipal de Fronteira/ Câmara Municipal de Cascais.
- Carneiro, A. (2005) – *Carta Arqueológica do Concelho de Fronteira*. Lisboa: Colibri/ Câmara Municipal de Fronteira.
- Carreño Gáscón, M.^a (1997) – Marcas de alfarero sobre terra sigillata halladas en *LUCUS AUGUSTI*. *Anejos de Larouco*. A Coruña. 3.
- Carvalho, T. (1998) A Terra Sigillata de Monte Mozinho (Contributo para a história económica do povoado. *Cadernos do Museu*. Penafiel. 3.
- Düerkop, A., Eschbaumer, P. (2007) – *DIE TERRA SIGILLATA IM RÖMISCHEN FLOTTENLAGER AN DER ALTEBURG IN KÖLN. Das Fundmaterial der Ausgrabung 1998*. Kölner Studien zur Archäologie der Römischen Provinzen. Rahden/Westfalia. Band 9.
- Fabião, C. (1996) – O povoado fortificado da Cabeça de Vaia Monte (Monforte). *a cidade*. Portalegre. N.º 11 (Nova Série), pp. 35-84.
- Faria, J. C.; Ferreira, M.; Diogo, A. M. (1987) – Marcas de terra sigillata de Alcácer do Sal. *Conimbriga*. Coimbra. XXVI, pp. 61-76.
- Genin, M.; *et alii* (2007) – *LA GRAUFESENQUE (Millau, Aveyron). Sigillées et Autres Productions*. Aquitania. Vol. II. Éditions de la Fédération Aquitania.
- Guéry, R. (1979) – Les Marques de Potiers sur *Terra Sigillata* découvertes en Algérie. I. Sigillées Provinciales hispanique et gallo-romaine). *Antiquités africaines*. Paris. 13, pp. 23-97.
- Guéry, R. (1994) – Les Marques de Potiers sur *Terra Sigillata* découvertes en Algérie. IV/2. Sigillée Itálique [ME () à C. VOLVSENVVS (NESTOR?)]. *Antiquités africaines*. Paris. 30, pp. 89-187.
- Jerez Linde, J. (2005) – La terra sigillata itálica del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida. *Cuadernos Emeritenses*. Mérida. 29.
- Juan Tovar, L. C. (1992) – Terra Sigillata Hispánica. In *Arcóbriga II – Las cerámicas Romanas*. Institución Fernando El Católico, Zaragoza, pp. 35-134.
- Lopes, M.^a C., (1994) – *A Sigillata de Represas. Tratamento informático*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Marabini, M.^a T. (2006) – *Cosa. The Italian Sigillata*. Memoirs of the American Academy in Rome. Roma. Supplementary Volume II.
- Mayet, F. (1983-1984) – Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain. Paris: Publications du Centre Pierre Paris.
- Mezquiriz de Catalán (1985) – Terra Sigillata Hispánica. In *Atlante delle forme ceramiche II. Ceramica fine romana nel Bacino Mediterraneo (tardo ellenismo e primo impero)*. Roma: Enciclopedia dell' arte antica classica e orientale. pp. 97-114.
- Morais, R. (2005) – *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta*. Braga: Universidade do Minho.

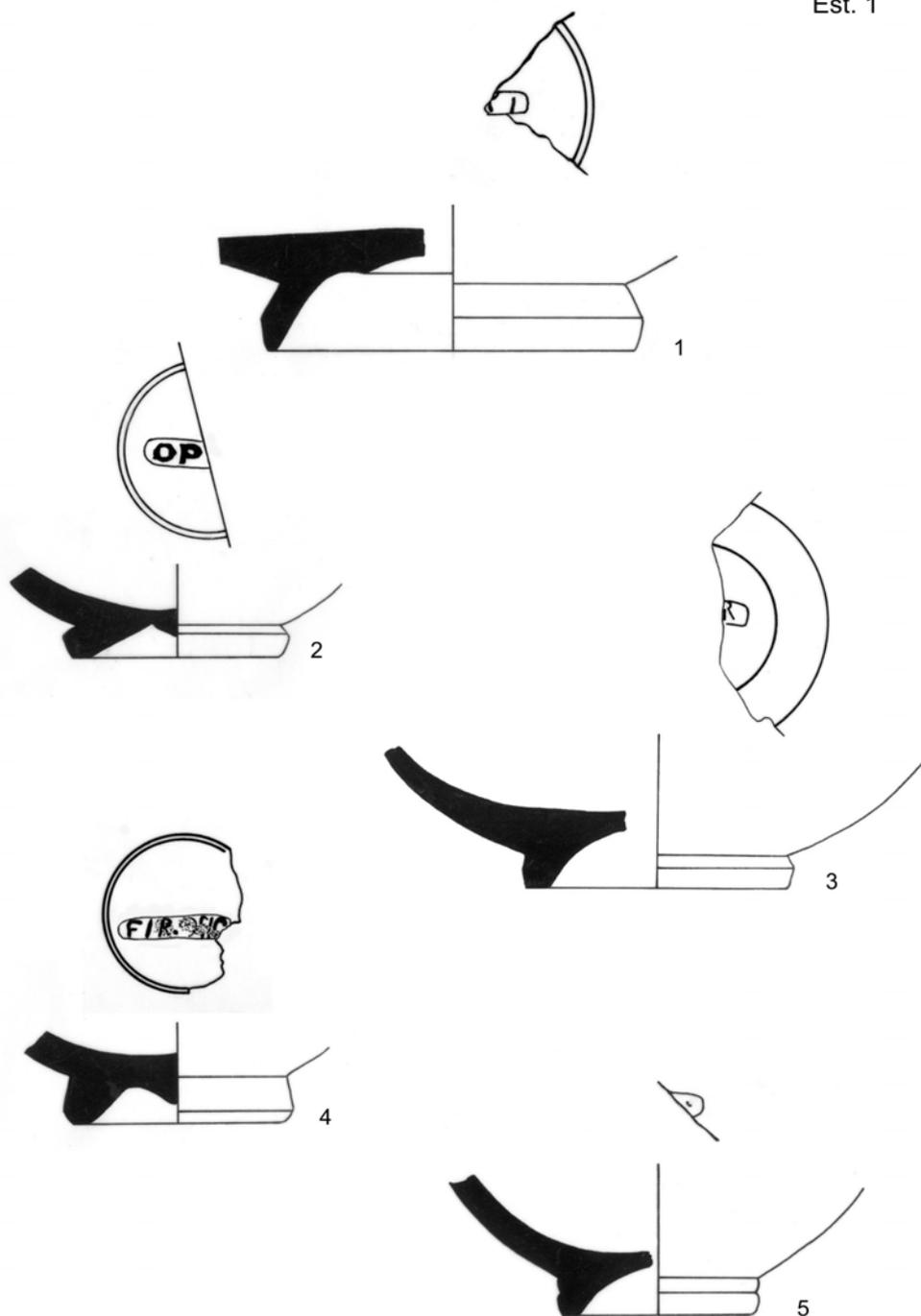
⁴⁷ Este artigo refere-se à comunicação efectuada em 2005, durante as “3^{as} Jornadas Arqueológicas do norte alentejano”, utilizando bibliografia actualizada a 2009, consequentemente com abordagens conformes.

- Nolen, J. (1994) – *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares* Balsa. Lisboa: IPM e Museu Nacional de Arqueologia.
- Oxé, A.; Comfort, H.; Kenrick, P. (2000) – *Corpus Vasorum Arretinorum. A catalogue of the signatures, shapes and chronology of Italian sigillata*. (2ª edição revista e aumentada). Bonn. (com CD-ROM).
- Polak, M. (2000) – South Gaulish Terra Sigillata with potter's stamps from Vechten. RCRFA. Nijmegen. Supplement 9.
- Quaresma, J. (2003) – *Terra Sigillata* sudgálica num centro de consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (*Mirobriga*). *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. N.º 30.
- Roca Roumens, M.; Fernández Carcía, M. (1999) – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones alto imperiales*. Universidad de Jaén/Universidad de Málaga.
- Romero Carnicero, M. V., (1998) – *Terra Sigillata Hispánica* en la zona septentrional de la península ibérica. In Fernández Carcía, M. – *Terra Sigillata Hispánica. Estado actual de la investigación*. Jaén, pp. 190-208.
- Romero Carnicero, M. V., (1999) – Producciones Singulares. In Roca Roumens, M.; Fernández Carcía, M. – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones alto imperiales*. Málaga, pp. 253-258.
- Sáenz Preciado, M.; Sáenz Preciado, C. (1999) – Estado de la cuestión de los alfares riojanos: la *terra sigillata* hispánica altoimperial. In– Roca Roumens, M.; Fernández Carcía, M. – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones alto imperiales*. Málaga, pp. 61-136.
- Sanchez-Lafuente Pérez, J. (1990) – *Terra Sigillata* de Segóbriga y Ciudades del Entorno: Valéria, Complutum y Ercavica. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- Sepúlveda, E.; Faria, J. C.; Faria, M. (2000) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 1: *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 3. Número 2, pp. 119-152.
- Serrano Ramos, E. (1999) – Producciones Hispánicas Precoces. In Roca Roumens, M.; Fernández Carcía, M. – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones alto imperiales*. Málaga, pp. 231-233.
- Silva, R., B. (s/d) – “Marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.). Tese de Mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga. (tese policopiada).
- Viegas, C. (2002) – A *terra sigillata* da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 26.
- Viegas, C. (2006a) – A cidade romana de Balsa. (Torre de Ares – Tavira): (1) A terra sigillata. Lisboa: Município de Tavira.
- Viegas, C. (2006b) – A ocupação romana de Castro Marim. In Actas do 3.º Encontro de Arqueologia do Algarve. *XELB*. Silves. N.º 6, pp. 241-260.
- Viegas, C. (no prelo) – A cidade de *Ossonoba* – importações cerâmicas. In Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular.



Concelho de Fronteira: sítios arqueológicos referidos no texto

Est. 1



1 - Prato Drag. 15/17; 2 a 5 - Taça Drag. 27

Est. 2



1



8



2



9



3



10



4



11



5



12



6



13



7



14

0cm 3cm



1 e 2 - Oleiros itálicos; 3 - Oleiro do sul da Gália; 4 a 14 - Oleiros Hispânicos

Mapa 1

